

A Educação nos “Cadernos Pretos” de Heidegger

Sérgio Wrublevski, Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo investiga nos “Cadernos Pretos” o que Heidegger entende com o tema educação, formação e cultura no contexto moderno-contemporâneo. Inserido na tradição filosófica ocidental, Heidegger entende que a questão educação e formação, sob domínio do pensamento metafísico, sofreu uma formalização e foi reduzida a uma instrumentalização. Somente através do esgotamento das possibilidades do modelo metafísico e da abertura para um novo princípio, no qual se prepara o acesso para com os acenos da verdade na história e na liberdade, a educação e a formação do homem poderão ter êxito num modo verdadeiro, inaugural e libertador.

Riassunto: Questo articolo ricerca negli “Quaderni Neri” la comprensione di ciò che Heidegger intende con il tema educazione, formazione e coltura nel contesto moderno-contemporaneo. Inserito nella tradizione filosofica-occidentale, Heidegger intende che la questione educazione e formazione, sotto il dominio del pensiero metafisico, ha subito una formalizzazione e fu ridotta ad una strumentalizzazione. Solo attraverso la scadenza delle possibilità del modello metafisico e l’apertura verso un nuovo principio, in cui si prepara l’accesso verso gli accenni della verità nella storia e nella libertà, l’educazione e la formazione dell’uomo potranno riuscire in modo vero, inaugurale e libertario.

Heidegger e a educação é um tema muito recorrente nos estudos filosóficos recentes. Seguindo cada vez o fio condutor de uma interrogação que se espalha nos 100 volumes publicados, as interpretações sobre a questão educação alcançam resultados muito heterogêneos¹. Com a recente publicação dos “Cadernos Pretos”² dispomos pela primeira vez de textos, nos quais Heidegger discute os diversos aspectos de seu engajamento na complexa situação espiritual dos anos 30, marcada pelo engajamento na direção da universidade (na função de reitor), no questionamento acerca da superação da metafísica, das exigências de um novo e mais radical questionamento filosófico acerca da História, do recente desenvolvimento da ciência e tecnologia modernas e da abertura de apropriação (*Ereignis*) para os novos desafios que a época contemporânea vem urgindo. É o tempo de intenso e revolucionário questionamento presente principalmente nas obras “Contribuições para a Filosofia”, “Sobre o Princípio”, “Meditação”. Os “Cadernos Pretos” são anotações de primeiro punho sobre este questionamento dos anos 1931-1941, nos quais a educação e formação aparecem como um desafio marcado pela extrema gravidade e complexidade desta década. A presente investigação busca ressaltar o entendimento da questão “educação, formação e cultura” como lugar de explicitação desta nova e mais radical atitude filosófica que Heidegger entrevê como urgência revolucionária do questionamento contemporâneo. Uma completa elucidação do questionamento de todas estas obras ultrapassa as possibilidades do presente artigo.

Todos os povos modernos reconhecem, ainda que em diferentes níveis, a importância da educação e se dispõem a sustentar um diferenciado sistema de educação na convicção de que unicamente através da educação os cidadãos poderão vir a ser autenticamente livres e assim viabilizar ao respectivo povo e à humanidade, oriunda de todos os povos, um destinar-se marcado pela liberdade e pela verdade. A educação sempre foi entendida a partir do que o homem, em diferentes épocas, experimentou acerca da liberdade e da verdade, sem que esta experiência tenha sido exaustiva e definitivamente compreendida. O homem é formado a partir da verdade e para a verdade, e esta se manifesta na história. Isto significa que nunca fica exaustivamente claro o âmbito das pressuposições, das exigências e das revoluções que a

¹ Cfr. Fernandes, Marcos A., Heidegger e educação: Uma meditação histórico-ontológica, em: Filosofia e Educação, vol. 5 Nr. 3 (2014), pg. 55-86; Kahlmeyer-Mertens, Roberto S., Heidegger & a Educação, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

² Heidegger Martin, Gesamtausgabe (“GA”), Band 94, 95, 96 Vittorio Klostermann, Frankfurt, 2014.

verdade através da liberdade pode vir a instaurar. A descoberta de que o homem sempre se entendeu num destinar-se a partir da verdade e para a verdade, manifesta não somente a ambiguidade inextrincável e sempre provocante da questão da liberdade, mas é também a razão do empenho em educar e formar, como também da constante crise no entendimento da ação de educar e formar.

Educação e Formação são termos que foram escolhidos na tradição ocidental para descrever o processo de cuidado para que o homem venha a si na experiência da verdade, da liberdade e da história. Tais termos somente poderão ser adequadamente compreendidos, se explicitados no contexto do relacionamento do homem com seu devir histórico no seu todo. Educação, proveniente de uma palavra latina, *ex-ducere*, diz o processo de conduzir para fora, diz a arte de fazer manifestar-se e desabrochar todo o imenso potencial singular contido em cada homem e em cada povo, a ser descoberto nos múltiplos relacionamentos históricos de encontro e desencontro de identidade e diferença que o homem pode vir a realizar com os outros seres, (coisa, ser natural, ser animal), com o outro homem, com o outro do outro, (ou seja, com os nexos estruturantes da vida no seu todo), com o outro de si mesmo. A palavra educação veio substituir o que os gregos cunharam com o termo “*paideia*”. Igualmente o termo Formação, (*Bildung*, cultura) diz o processo de o homem forjar sua identidade no confronto com todos os seres, processo este que sempre já iniciou e jamais terminará, dentro do qual se faz necessário distinguir os diversos elementos do contexto de interrogação, no qual o homem forma resultados, forja estruturas e consegue viver uma vida de alto nível. A isto chamamos de civilização. Em todos os povos, provenientes da tradição ocidental, a educação é aceita como uma necessidade constitutiva do ser homem. Ela necessita de um acompanhamento de profissionais competentes e interessados para uma tarefa extremamente complexa e diferenciada que ultrapassa as possibilidades de planejamento de um grupo de educadores profissionais. Ela remete à tarefa de o homem educar-se ao longo de toda a sua existência, sem que esta decisão possa ser derivada de alguma instância de valores conseguida na história ou derivada das circunstâncias factuais históricas. Em última instância, só o próprio homem, enquanto ser individual e social, cada vez situado em um contexto cultural único, pode responsabilizar-se por esta tarefa, para a qual cada homem terá de manter seu interesse vivo em cada novo desafio histórico.

A partir desta compreensão da questão, a tarefa da educação costuma ser distinguida em educação inicial e educação permanente. A educação inicial consta de educação infantil, pré-escolar, fundamental, média, educação universitária, com seus múltiplos âmbitos científicos especializados e técnicos, em seus níveis de graduação, pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doutorado, etc.). A educação inicial é organizada como aprendizagem de determinados conteúdos e técnicas de conhecimento organizados dentro de um sistema coerente, progressivo e adequado às diversas fases da aprendizagem e desenvolvimento do jovem com vistas a operar com efetividade os mais diversos nexos problemáticos criados pela consciência moderna. A educação inicial é imposta como uma exigência societária, organizada cada vez pelo Estado, em nome de um determinado povo, para, no processo, ser descoberta como uma auto-educação permanente, assumida livremente dentro das possibilidades e dos níveis de realização dados a cada homem na sua limitação biográfica singular e no contexto de sua tradição cultural e epocal. Educação permanente é, portanto, a dinâmica fundamental e originária, que busca encadear o homem no processo de sua humanização, para que este possa corresponder às exigências cada vez imprevisíveis e inesperadas que a verdade possa vir a urgir do homem em sua dinâmica historial. Este processo permanecerá bloqueado, se o homem se entender imediatamente preso às forças da natureza, aos modelos de uma determinada época ou sociedade, ou aos modelos técnico-utilitários de um determinado modo de compreender o homem numa determinada época. Por isto a educação foi pensada pelos pensadores gregos como a iniciação numa segunda natureza, que supera e integra o convívio com a natureza dada, revelando as possibilidades mais originárias da própria natureza do homem em seu desafio de medir-se com a verdade e com a vida no seu devir histórico.

Neste contexto Heidegger distingue a dinâmica da educação (*Erziehung*) em contraposição à dinâmica chamada “ensino escolar” (*Schulung*). Enquanto “educar significa colocar, promover o homem para dentro do círculo de irradiações (*Bannkreis*) do que é grande, o ensino escolar exercita a habilidade em operar cálculos no que é pequeno e calculável”³. Assim, o ensino escolar moderno, enquanto dinâmica derivada de ser, foi reduzido a uma estratégia de repetições com vistas ao que se deixa calcular, e a um conjunto de exercícios escolares, desprovido de uma evidência originária da existência humana – ou

³ GA Bd. 94. S. 507.

seja, das exigências da educação permanente, - é ordenado de modo sistemático, na expectativa de que todos estes exercícios façam do jovem educando um cidadão de grande habilidade na realização da utilidade prescrita por uma determinada sociedade. Em contraposição e diferença com esta forma de adestramento para a utilidade, para o que é calculável e programável, a educação não se concentra, em primeiro lugar, na transmissão de conteúdos, e sim em lançar o homem num processo de questionamento cada vez mais amplo, radical e originário de todo o real, o que significa, ao mesmo tempo, a iniciação nas amplas e originárias possibilidades da existência livre. Tal questionamento não se reduz a uma doutrina, mas se constitui no desafio de abrir a possibilidade de genuíno e permanente questionamento de todo o real e de todo o imenso e originário âmbito da liberdade. Originário diz aqui o que o homem não consegue originar a partir de si, mas que constitui genuinamente o significativo próprio do homem.

O homem não cria a partir de seus interesses um tal questionamento. Este é já eco de outras experiências de grandeza já experimentadas e alcançadas no passado, mas é, ao mesmo tempo, guiado por um sentimento antecipador desta grandeza em novas interrogações e em novos contextos desafiadores, nos quais o homem se lança num projeto de ser, e ali se constrói e se firma em sua identidade como um perguntar⁴. O projeto de ser se constitui como uma resposta do homem à experiência de estar lançado numa convocação da verdade que já atingiu os homens em diferentes etapas de sua formação ancestral, mas, ao mesmo tempo, o projeto de ser é guiado por uma intuição acerca da grandeza irrenunciável da verdade, que faz o projeto do homem ser descoberta cada vez nova e inesperada de uma dinâmica de aperfeiçoamento e de ampliação na capacitação para o acerto da verdade.

1. Educação e formação (cultura) no contexto moderno.

Se a compreensão de educação e formação está relacionada com os desafios e possibilidades de cada época, faz-se oportuno analisar o sentido que tais termos adquiriram na época moderna em sua vigência atual e na sua sedimentação ao longo da tradição cultural ocidental.

⁴ GA 94 S., 80: “Im Nach- und Vor-gefühl der Grösse des Menschen stehen als des Sichloswerfenden – d.h. Fragen. Darin sich fest- und aus-bauen”.

Heidegger entende que educação e formação passaram a significar, a partir do Vº século A.C., um conjunto de conhecimentos, a serem agenciados na educação inicial provenientes de uma sistematização filosófica, que deixou de ser genuína e radical interrogação acerca do todo o real, e se constituiu num saber denominado mais tarde de “metafísica”. Embora o termo “metafísica” tenha surgido tão somente na organização de uma edição dos textos de Aristóteles, edição esta realizada por Andrônico de Rodes, no Iº século A.C., o termo metafísica indica um tipo de sistematização do questionamento realizado pela filosofia, e que na sua estruturação fundamental permaneceu inalterado até o final do século XIX d.C. Tal significado se consolidou na época do helenismo (com as primeiras tentativas de sistematizar a gramática e a lógica numa perspectiva pedagógica) e na Idade Média (com as disciplinas da educação organizadas no assim chamado *trivium* e *quadrivium*). Nos tempos modernos a estruturação da metafísica permaneceu fundamentalmente a mesma, com variações de conteúdo e não de forma. Nos tempos modernos o conceito de “formação” (*Bildung*) transformou-se no conceito moderno de “cultura”.

2. Educação, Formação e Cultura na regência da metafísica:

Um dos grandes interesses da civilização indo-européia, a partir do período neolítico foi a atividade voltada a fazer crescer, reproduzir-se e melhorar as espécies de plantas e animais domésticos. Neste interesse em desenvolver e aprimorar o que é e está sendo, o saber ocidental constituiu um saber que não só interrogava o que é está sendo, mas o sendo enquanto sendo, o ente enquanto ente, enquanto estruturação que determina previamente todo o edifício do saber. Dito com outras palavras, o saber ocidental entendeu a filosofia como uma realização construída a partir de uma dicotomia entre o real das vivências humanas e o real apreendido abstratamente por uma operação mental geral. Assim a indagação filosófica pergunta pelo ser de alguma coisa (ou seja pela estruturação que possibilita o sendo, chamando isto de *essentia*, *Seiendheit*), ou seja, pela natureza do sendo (chamado de ente, real que é e está sendo), e pretende explicitá-lo como uma estruturação comum a todos os tipos de real. Nesta pergunta pela estruturação comum a todos os saberes a interrogação metafísica está referida ao que é previamente dado e que não provém da vivência do homem:

Este saber se refere ao real dentro de uma interpretação, visando alcançar o saber mais geral, como sendo o mais real, e contendo a possibilidade de antecipar-se a todas as espécies de saber. Esta atitude metafísica vai marcar com suas características próprias todo o saber explicitado a partir deste saber de viés “metafísico”

Na época clássica do pensamento grego educação (*paideia*) e formação (*trophé*) foram os conceitos com os quais se buscava compreender a dinâmica de crescimento do vigor próprio do homem. A partir de uma certa condição humana dada (no componente da raça, do estamento ou de um determinado povo num contexto histórico) buscava-se compreender o crescimento que se dá quando a natureza não apenas repete padrões já fixados, ou realiza arbitrariamente qualquer movimento, mas acolhe o desafio de luta que faz crescer todo o potencial. É o que o grego tematizava, por ex., nos exercícios de luta corporal entre dois homens iguais. Se os homens deverão lutar como *pólis* contra outras *póleis*, então se trata da possibilidade de crescer não apenas no uso criativo concreto de meios e técnicas, mas de compreender o desafio de espírito (*logos*) que faz um povo desabrochar no confronto com a identidade de outros povos e no cuidado pela sua própria identidade como povo⁵. *Paideia* diz esta possibilidade de descobrir no máximo desafio a integração dos diversos componentes que faz o vigor de vida crescer e desabrochar⁶. O desafio, entendido como repetição de um potencial já dado, é uma atividade que não faz crescer. É somente no salto criativo que a formação do homem se descobre na sua ação realizadora de uma obra, ação esta que é cada vez desvelamento de possibilidades ainda não asseguradas. Somente a partir deste evento criativo situado no contexto de um desafio cada vez inesperado e novo é que fica evidente a não-formação (*apaideusia*), a desmedida de uma medida estagnada num certo nível determinado. O vigor de crescimento desaparece tanto quando o desafio é grande demais, como quando é pequeno demais. Educação humana se dá no contexto de melhoramento e potenciamento das espécies, como o homem aprendeu a realizar com plantas e animais. Neste contexto os homens ou comunidades distinguiram formas mais elevadas, elaboradas, e com isto mais poderosas de homens e comunidades em diferença de formas menos elaboradas, aptas a serem dominadas pelas comunidades mais vigorosas. É o que diz a palavra alemã *Zucht*, que diz a cultura de plantas e animais, o adestramento, a manipulação, o

⁵ Cfr. Timeu 19 c-f

⁶ *ἡσυχία* diz esta serenidade bem integrada (Timeu 19 b7).

selecionamento dos melhores na luta em desenvolver os diferentes potenciais. No entanto, a educação é uma dinâmica que pode, segundo Platão, fazer de um homem com vigor de ferro tornar-se vigor de ouro, ou vice-versa, de um vigor de ouro decair para um vigor de prata e finalmente decair para um modelo enjaulado no mecanicismo, repetitivo, sugerido pelo elemento ferro⁷.

Na passagem para a cultura latina o conceito “*paideia*” é traduzido por *educare*, que indica a ação de fazer crescer, alimentar, trazer para fora o vigor de crescimento latente. Ao mesmo tempo o conceito *trophé* é traduzido pela ação de colher, recolher e cultivar (*cogliere*) o vigor de crescimento, donde a palavra “cultura” diz tanto a dinâmica de crescimento como o desafio bem realizado deste processo. No entanto, dentro do modelo metafísico de compreender o homem, logo este se torna apenas um vigor de animal, no qual reside um potencial chamado racionalidade (*ratio*, *rationalitas*). O homem “culto” (*cultum* = partic. perf. de *cogliere*) é o homem que participa dos exercícios e cálculos abstratos de uma racionalidade que se presume superior a todo trabalho material, considerado servil, em si mesmo inferior.

Educação e Formação na época moderna acontecem já numa continuidade com a Idade Média (especialmente a partir do século XIII) como unidade de educação, formação e ciência. Na sociedade burguesa do mercantilismo e especialmente na sociedade industrial, a educação não significou apenas a construção e o desenvolvimento de um sistema escolar capaz de ocupar toda a época juvenil, mas também o desenvolvimento de um questionamento teórico coerente sobre a educação e formação da espécie humana como tal e de um questionamento teórico sobre a totalidade do real.

Educação era pensada como transmissão de saber, de normas societárias, de padrões de comportamento, de experiências de vida individuais e comuns, através dos quais se articulava o conjunto patrimonial de um povo, conjunto este subjacente a todos os elementos factualmente dados. Para além de todas estas múltiplas exigências e através delas sondava-se o fundo e fundamento de qualquer processo de realização de um real. Este questionamento nuclear da época moderna que incluía, e integrava criticamente o patrimônio das três grandes tradições religiosas monoteísticas (tradição cristã, judaica, muçulmana) ficou caracterizado,

⁷ Politeia 414 c- 415 d

lembra com pertinência Heidegger, pelo termo filosófico de *subiectum*. Até a Idade Média *subiectum* expressava o referente de toda realização e dinâmica de exercício. *Ens subiectivum* era sinônimo de real em si mesmo (*ens in se*). Na Idade Moderna se inverte esta significação: *ens subiectivum* designa tudo o que sai e constitui um processo de relacionamento de indivíduos, sejam humanos ou não. O homem se torna o sujeito de ação, operação e de qualquer atividade eficiente de desempenho. É o indivíduo, que se torna o agente em qualquer atividade. Neste contexto se dá a universalização do entendimento do sujeito expresso por Kant como “sujeito transcendental”. O eu do “eu penso” que necessita acompanhar todas as representações, se mostra como ponto irreduzível em sua possibilidade de transcendência na imanência, e como tal, fundador da unidade da auto-consciência⁸.

Ao longo dos séculos da época moderna o questionamento entre educação e formação esteve concentrado neste fundo e fundamento que reuniu possibilidades de sustentação e de realização na questão educação. De um lado atuam representações sobre educação já oriundas da tradição metafísica como renascimento do homem a partir da experiência de plena revelação da verdade (Agostinho, Bernard Clairvaux, Hugo e Ricardo de S. Vitor, Tomás de Aquino). Na época do humanismo e iluminismo surgem as representações de uma teologia iluminista, na qual o homem busca entender de modo novo a dinâmica da revelação no enraizamento cultural e assim entende como racionais as antigas tradições de revelação. Finalmente com a geração do idealismo transcendental e da reflexão poética-filosófica do séc. 18 e 19 o questionamento da tradição espiritual, seja religiosa, artística ou filosófica é compreendido como desafio positivo de ser dentro da História de Ser (Herder, Schiller, Lessing, Baader, Schlegel, Schelling). O grande desafio é permanecer sob o desafio do Ser que se dá no desafio cada vez singular da História. É Hegel que consegue colocar a questão da educação e da formação do Homem no mais alto grau de elucidação e provocação que a época moderna exige.

Para Hegel é na sociedade burguesa que se dá a possibilidade de uma extrema individualização, através da qual é dado a cada um viver segunda sua propriedade e particularidade, sob a condição de que cada um aceite responsabilizar-se pelo “sistema das necessidades”, que torna possível o bem particular na sua extrema autonomia dentro da

⁸ cogitans obiectum mihi obiectum, cogito me cogitantem obiectum mihi obiectum (Crit. da Razão Pura).

dinâmica do Todo. Esta autonomia do indivíduo na sua liberdade e particularidade é somente possível, se ele aprende a reconhecer e a responsabilizar-se pelas condições de possibilidade deste sistema. “Formação” (*Bildung*) significa o processo, através do qual a sistemática do todo se enraíza no mundo das necessidades do indivíduo e transforma este indivíduo num membro consciente de uma totalidade auto-consciente, societária. A formação transforma o homem num ente societário e de tal modo a ele se submeter a partir de seu interior a este sistema e neste reconhecer e possuir sua própria vontade. Tão somente, numa “revolução da formação” surge a partir da sociedade burguesa dilacerada o “verdadeiro” Estado, no qual o indivíduo se encontra no equilíbrio e identificação, de tal modo que aqui o todo existe como parte e as partes como todo. Neste estado e fundado em tal formação “forma-se” o saber absoluto, que é, em última análise, o saber do absoluto ou a auto-consciência do espírito do mundo⁹. “A história da formação da consciência do espírito individual se realiza no objeto e no fio condutor da História da formação do mundo”¹⁰. Numa palavra: O homem é e será o que ele pode ser, através da Formação.

Se o homem é o que ele deve ser, através da formação, por quê ligar este processo ao Estado moderno e a um espírito absoluto, que haveria de paralisar todo o processo de formação, justamente pela sua pretensão metafísica?

3. Heidegger e a questão da educação e formação na contemporaneidade.

Na época contemporânea Heidegger entende que o formalismo da filosofia metafísica é continuado e enrijecido numa forma cada vez mais estreita pelo cálculo e pelo agenciamento da dominação da natureza através das ciências positivas e das tecnologias modernas. A epistemologia e a filosofia analítica são exemplos desta tendência de reduzir o questionamento filosófico ao agenciamento da dominação planetária. Na medida em que se universaliza esta tendência de dominação e de redução da atividade reflexiva à dominação, o homem corre o risco de se desenraizar e de perder cada vez mais a força de raiz capaz de inspirar um sentido que o homem mesmo não consegue produzir, mas que é essencial para a existência humana bem realizada.

⁹ Rombach, H., *Strukturanthropologie*, Karl Alber Freiburg 1987, S. 53 s.

¹⁰ Hegel, *Enciclopédia* § 387.

Guardar viva esta atitude de deixar que toda esta virulência de dominação seja o que pode ser, sem que o homem venha se desfigurar e se desenraizar neste uso: este é o grande desafio para permanecer na vigência da força inaugural (enunciada pela palavra *Seyn*), em cuja acolhida o homem pode deixar-se inspirar a realizar ações, obras nas quais se desvela o brilho instantâneo e cada vez pleno da verdade da condição humana livre.

Quando o homem contemporâneo sucumbe ao fascínio do desenraizamento propiciado pelo agenciamento de dominação, a produção cultural deixa de ser meditação a partir da vigência do Ser inaugural na singularidade de seu apelo, para tornar-se simulação repetitiva de uma verdade produzida e apresentada pelo homem como uma produção de algo que se deu no passado¹¹, e se torna não-formação, “formação pela metade” (*Halbbildung*). Neste nível de apropriação cultura se torna agregação de sentimentos que nunca ultrapassa o nível do sentimento, colcha de retalhos de sentimentos como reação a sentimentos, (*Gefühl der Gefühle*), produção de deleite coletivo¹² (*Vergnügungsbetrieb*).

O que significa, para Heidegger, a possibilidade positiva de compreender educação e formação no contexto da superação da metafísica?

Educação, como já acenamos anteriormente, não é adestramento nem submissão a uma doutrina produzida pela representação moderna, mas aprender a participar de um genuíno questionar como obra de um povo. Assim a educação significa sacar de dentro do indivíduo possibilidades intuídas num salto qualitativo (*Vor-sprung*) que possibilita superar qualitativamente limitações e possibilidades já adquiridas por um povo em seu destinar-se histórico. “Não só progresso na ciência, nem formação especializada ou preparação técnica. Toda a doutrina possível na educação significa: Condução – liderança – direcionamento a partir do Ser na sua pluridimensionalidade. Maestria e tradição do saber de um povo num genuíno questionar: isto é o decisivo da educação”¹³. No contexto moderno educação está sempre agenciada pelo Estado, no entanto, se o Estado for fim em si mesmo, recaímos na manipulação moderna (*Machenschaft*). Toda ação pedagógica e cultural deverá, por princípio, superar toda a possibilidade de manipulação ou planificação do Estado, já que a ação pedagógica tem como escopo levar a compreender o genuíno e radical questionamento

¹¹ das ist já nur das Gemächte eines Früheren GA 94 s. 195

¹² GA 96 s. 229

¹³ GA 94 s.123

que um determinado povo em seu destinar-se histórico tem de realizar. “Educação: a promoção da força do Estado, capaz de despertar e unir, como promoção da vontade de um povo na descoberta de si próprio”¹⁴. No entanto, um povo não é a última medida de si mesmo, ele próprio está colocado sob uma medida de pertinência, segundo a qual toda a busca essencial permanece dinâmica genuína de constituição e aperfeiçoamento de um povo¹⁵. Neste sentido a cultura é o lugar onde um povo se interroga acerca de sua última determinação de ser e o faz de modo a inaugurar um sentido originário de ser. Ela é descrita como “o conjunto harmonioso e combatente da pre-sença de um povo e de sua determinação no seu destinar-se histórico de transcendência”¹⁶. Transcendência não tem a ver com o sentido do Transcendente oriundo das religiões monoteísticas e incorporado no pensar metafísico. Transcendência diz, antes, a imediatez da criação na qual irrompe o aceno de vocação e transcendência¹⁷, diz a captação singular do divino que sustenta cada superação do já conseguido, a divinidadade do e no homem (*Gottschafft*).

Educador é, portanto, aquele que, no seu agir criativo, consegue guardar os acenos de transcendência de todo um povo. Escreve Heidegger: “Genuína comunidade não desobriga o indivíduo, mas exige a mais alta prontidão de si próprio (*Selbst-ständigkeit*) – estranha ao próprio eu - do saber e da persistência”¹⁸.

Se Heidegger passou grande parte de sua vida acadêmica como professor de uma universidade, da qual aceitou inclusive ser reitor por alguns meses, suas críticas em relação a esta instituição – como instância típica de coroamento da educação e formação do homem contemporâneo – nos oferecem grande clareza acerca das possibilidades e limitações relativas à questão que nos interessa.

A crítica à universidade realizada por Heidegger já se inicia no início da vida acadêmica, quando pronuncia em 1928 a conferência “O que é isto – a Metafísica” – como conferência de admissão como livre-docente da Universidade de Freiburg e aparece em toda a sua gravidade no discurso de posse como reitor da Universidade de Freiburg, em 1933. Como bem destacou François Fédier¹⁹, trata-se antes de tudo de uma conclamação da

¹⁴ GA 94 s. 121

¹⁵ GA 94. s.189-190

¹⁶ GA 94. s. 172, 429.

¹⁷ GA 94. s. 175.

¹⁸ GA 94 s, 174

¹⁹ Heidegger, Martin, *Écrits politiques 1933-1966*, Présentation, traduction et notes par François Fédier, Préface., Gallimard 1977

universidade a deixar de ser instância de manipulação partidária-acadêmica, e a redescobrir a determinação originária de um povo no contexto de uma grave crise mundial. Nos anos 30 a questão vem aprofundada em meio aos desafios e à crise que o tempo do reitorado, enquanto contato com o terror, desafiou Heidegger e todos os homens posteriores.

Segundo Heidegger a universidade moderna serve somente à ciência, tornando-se instância de justaposição de um conjunto de escolas de especialização, todas reunidas sob a direção de fundo e voltadas para um uno típico da modernidade: a utilidade. Quanto mais científica se torna a universidade, tanto mais definitivamente ela necessita colocar a filosofia de lado. Esta atitude dominante na universidade moderna faz com que ela se torne incapaz de uma meditação reflexiva pertinente. Estruturalmente voltada ao agenciamento do niilismo moderno, ela é fundamentalmente incapaz de educar e formar o homem. Por isto, há que se destruir esta universidade, propriamente, segundo Heidegger, ela já está morta²⁰.

Por fim, uma caracterização de um dos agentes da educação moderna, o professor (*Lehrer*), na qual fica visível a desfiguração e os acenos das exigências da educação nas realizações contemporâneas. No contexto moderno do agenciamento geral e unidimensional da manipulação e dominação o professor tornou-se o “professor rude da escola popular, o técnico sem postura, o pequeno burguês desenraizado, quando deveria ser o protetor do povo, aquele que deveria colocar a medida de todo um povo”²¹.

Imersos em toda a complexidade do niilismo moderno, todo homem é educador. Por isto concluo esta meditação com o perfil do professor que todos temos de aprender a ser:

Escreve Heidegger: “Professor (*Lehrer*) – quem quer ensinar, deve poder aprender:

- a aprender saber sempre mais profundamente o essencial.
- a silenciar do que propriamente não deve ser ensinado.
- a guardar a suave superioridade do homem exemplar, sem escorregar numa falsa camaradagem”²².

²⁰ GA 94 S. 303, 125

²¹ GA 94, S.187

²² GA 94, S. 190

Referências bibliográficas:

Fernandes, Marcos A., *Heidegger e educação*, Uma meditação histórico-ontológica, em: *Filosofia e Educação*, vol. 5 Nr. 3 (2014), pg. 55-86.

Kahlmeyer-Mertens, Roberto S., *Heidegger & a Educação*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

Heidegger, Martin, *Gesamtausgabe* IV Abteilung. Hinweise und Aufzeichnungen Band 94 Ueberlegungen II-VI (Schwarze Hefte 1931-1938), Vitt. Klostermann, Frankfurt 2014.

Heidegger, Martin, *Gesamtausgabe* IV. Abteilung: Hinweise und Aufzeichnungen, Band 95 Ueberlegungen VII-XI (Schwarze Hefte 1938/39), Vitt. Klostermann, Frankfurt 2014.

Heidegger, Martin, *Gesamtausgabe* IV Abteilung: Hinweise und Aufzeichnungen Band 96 Ueberlegungen XIII-XV (Schwarze Hefte 1939-1941). Vitt. Klostermann, Frankfurt, 2014.

Historisches Wörterbuch der Philosophie, hrsg. J. Ritter, Band 2, Darmstadt Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.